

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano IV | Volume 10 | Nº 30 | Boa Vista | 2022

<http://www.ioles.com.br/boca>

ISSN: 2675-1488

<https://doi.org/10.5281/zenodo.6544502>



RELEITURA DA OBRA “A REPÚBLICA DAS MILÍCIAS”

Max André Araújo Ferreira¹

Resumo

Este texto faz uma resenha do livro “A República das Milícias”. A obra visa promover o debate sobre o funcionamento das milícias na cidade do Rio de Janeiro, bem como, a sua interferência em outras organizações criminosas como o jogo do bicho e o tráfico de drogas, e ainda, as milícias interferem no comando executivo estadual.

Palavras chave: Crime. Milícia. Rio de Janeiro.

Abstract

This text is a book review of “The Republic of Militias”. The work aims to promote the debate on the functioning of the militias in the city of Rio de Janeiro, as well as their interference in other criminal organizations such as the “jogo do bicho” and drug trafficking, and also, the militias interfere in the state executive command.

Keywords: Crime. Militia. Rio de Janeiro.

O livro “A República das Milícias”, lançado em 2020, tem a autoria Bruno Paes Manso. A obra foi lançada pela Editora Todavia, possui 304 páginas, e está dividido em nove capítulos. O autor é professor, doutor em Ciência Política pela Universidade de São Paulo (2012), com mestrado em Ciência Política pela Universidade de São Paulo (2003). Ainda conforme seu Lattes, Manso é Graduado em economia pela Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo (1993) e em jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica (1996).

Bem aceito pela crítica, o livro A República das Milícias, convida o leitor a conhecer o cotidiano de uma parte do Rio de Janeiro imersa a criminalidade que assola aquela sociedade. Manso faz um resgate histórico-social de como se deu a formação de quadrilhas de criminosos na cidade, ainda nos anos de 1950, com a atividade do jogo do bicho e, mais atualmente, o funcionamento das milícias que operam na cidade.

Em seu primeiro capítulo, o autor apresenta o personagem identificado como Lobo. Ex-miliciano, Lobo é tratado pelos colegas como pé inchado, gíria para denominar os milicianos que não fazem parte de alguma força policial. Criado na Baixada Fluminense, foi em São João de Meriti que teve os primeiros contatos com a criminalidade ao presenciar os crimes praticados por policiais militares que atuavam na comunidade com o propósito de manter a ordem e a moral.

Antes de pertencer à milícia, Lobo, trabalhou em várias empresas como segurança, mas, logo no início de sua carreira, conheceu um policial militar que o contrata como segurança em uma determinada região de Jacarepaguá. Em seu ofício, Lobo, elevou o seu status na hierarquia, gozando da confiança dos

¹ Doutorando em Sociedade, Cultura e Fronteiras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Professor da Universidade Federal de Roraima (UFRR). E-mail para contato: max.andre@ufrr.br



milicianos de Rio das Pedras. Na localidade, aprendeu como funcionava o esquema, e logo se associou com os policiais que comandavam a região. Foi preso por cometer diversos crimes, entre eles, homicídios e formação de quadrilha. Quando saiu da cadeia, deixou a milícia e, atualmente, vive como cidadão comum.

O capítulo dois, apresenta alguns dos principais personagens do cenário político-policial atualmente. Fabrício Queiroz e Adriano da Nóbrega se conheceram no 18º BPM, e logo tornam-se amigos. Devido à grande incidência de crimes cometidos pela dupla, logo são separados. Manso, descreve algumas das rotinas desses personagens e os envolvimento com outros criminosos na localidade como os contraventores do jogo do bicho.

O autor destaca que a amizade entre Queiroz e a família Bolsonaro é antiga, ainda da época do Exército Brasileiro, onde o capitão Bolsonaro serviu com Fabrício Queiroz. Na vida civil, Queiroz se torna assessor do deputado estadual Flávio Bolsonaro após eleito para a Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro. O capitão do Batalhão de Operações Policiais Adriano é condecorado, com Queiroz diversas vezes na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, pelo então deputado Flávio Bolsonaro. Mesmo preso e cumprindo pena por homicídio, o capitão Adriano é condecorado pelo deputado estadual.

Bruno Manso, revive diversos discursos onde o ainda Dep. Fed. Jair Bolsonaro, e seu filho, Flávio, fazem diversos discursos no sentido de justificar o trabalho de Adriano e Queiroz na Polícia Militar carioca e o trabalho de grupos armados que fazem a segurança de regiões de forma privada. Por fim, o autor encerra o capítulo lembrando a história de Adriano da Nóbrega e, seu breve currículo como prestador de serviços para bicheiros e traficantes do RJ até ser morto na Bahia em 2020.

O capítulo três faz um levantamento histórico do surgimento do bairro Rio das Pedras desde os anos 1950 e 1960, quando os primeiros moradores ainda oriundos do êxodo rural começaram a ocupar a localidade. Logo o surgimento do tráfico de drogas se deu lugar as contravenções ligadas ao jogo do bicho. Alguns anos depois, na década de 1990, começa a entrar em cena, de forma seminal as milícias cariocas, sendo essas comandadas por vários criminosos. Ainda no capítulo, o autor esclarece como o chefe do executivo estadual exerce uma relação embrionária com esses grupos para ser reeleito com a parceria das milícias.

O capítulo quatro conta a história de dois novos personagens. Bigode e Pescador, nomes fictícios, esclarecem sobre a formação das Milícias no RJ. O primeiro, começa a sua vida empreendedora na cidade de Foz do Iguaçu, levando contrabando de armas e drogas para o RJ. O matuto, como era conhecido pelos milicianos, logo fica milionário com essa categoria de comércio, sendo preso em algumas ocasiões acusado de ser o principal fornecedor de armas do Brasil. Após passar



pelo sistema carcerário, se converteu como protestante, transformado em missionário, abandona a sua carreira de criminoso.

Longe dos crimes, Bigode, ficou pobre e para sustentar sua família virou taxista. Como contrabandista, seu principal desafio era fazer com que suas mercadorias chegassem aos distribuidores no Exército, nas polícias e nos morros cariocas. Bigode possuía contatos nos exércitos da Argentina, Uruguai e Paraguai. O contrabandista revela como é organizado o esquema para a recepção de armamento que inclui a presença de polícias e militares em um complexo esquema de interceptação de armas por facções rivais.

Essas armas abastecem os criminosos locais, desencadeando uma guerra entre os agentes públicos e marginais na disputa pelo domínio de áreas no estado. A estratégia policial era fazer diversas incursões nas áreas pobres no sentido de recolher o armamento dos grupos criminosos para serem vendidos novamente para outros criminosos. Nesse capítulo o autor apresenta um panorama da criminalidade no RJ, trazendo números assustadores de mortos nos confrontos policiais.

O segundo entrevistado no capítulo é um miliciano, o entrevistado recebe o nome de Pescador. Logo são descritas o papel das milícias e o tráfico de drogas. Pescador aceita dar a entrevista em uma parte de sua residência, na presença de uma abundante quantidade de pássaros presos, que cantavam em gaiolas. A estratégia faz parte para que a conversa não seja gravado pelo autor do livro.

Pescador conta como faz para eliminar sua concorrência e revela os crimes cometidos, onde o alvo, eram pessoas públicas que comandavam determinados órgãos públicos. No final do capítulo, o autor faz uma longa descrição da história promíscua entre a polícia do RJ e o crime, identificadas as suas origens no Brasil colonial. Na segunda metade do século XX, com o superpovoamento das regiões do entorno dos bairros tradicionais cariocas, foram sendo formadas as grandes ocupações, conhecidas como favelas. Nesse trecho o autor faz uma longa exposição do tema, passando pelo período da ditadura militar. Por fim, o autor revela a relação entre o jogo do bicho e suas articulações em agremiações de futebol e escolas de samba carioca.

O capítulo cinco conta a história do Complexo do Alemão. O local é um conjunto de favelas formado na década de 1970. Em sua narrativa, o autor descreve as origens do local ainda no começo de 1950, com o crescimento de assentamentos através de loteamentos clandestinos, vendidos por proprietários particulares ou ocupados por movimentos sociais. Na década de 1960 é discutido as incursões realizadas por policiais militares, se tornando uma prática constante na região por muitos anos. O confronto de traficantes por pontos de drogas na localidade era comum, sendo inclusive, retratado no filme Cidade de Deus. Carregamento de drogas vindos do Paraguai, abasteciam o comércio e os



traficantes locais. Quando presos, os traficantes eram enviados para presídios, onde mais tarde deram origem ao Comando Vermelho, originado pela Falange Vermelha, no presídio de Ilha Grande.

O capítulo seis é dedicado a morte da vereadora Mariele Franco e seu motorista Anderson. A vida da vereadora é contada desde a infância até momentos antes de sua morte. Um dos motivos apontados para seu assassinato, deve-se a sua participação como relatora de comissão instalada na Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro para acompanhar e fiscalizar a intervenção federal que ocorreu na cidade em 2018.

Nesse capítulo é demonstrado o caos no serviço público na cidade, o sucateamento dos departamentos e institutos de criminalística são identificados como um dos motivos pela demora na elucidação desses e outros assassinatos. Os personagens Curicica e Ronie Lessa, são identificados com envolvimento em atividades criminosas. São contados os detalhes da intervenção federal e a instalação das Unidades de Polícias Pacificadoras. O jogo do bicho, atividade criminosa seminal no RJ, é bastante discutida pelo autor apresentado os principais bicheiros e os envolvimento com outras atividades na cidade, como, por exemplo, as máquinas de caça-níquel, escolas de samba e alguns clubes de futebol carioca.

O capítulo sete conta como foi realizada a formação das milícias no Estado do Rio de Janeiro, desde a sua origem, seus empreendimentos, o seu modo de operação e o envolvimento com outras atividades criminosas na cidade. Alguns milicianos são apresentados e tem a sua história contada pelo autor do livro. Manso explica as razões para operações policiais acontecer em determinadas localidades. Essas atividades deixam dezenas de vítimas, muito delas crianças, moradoras da localidade, mortas no confronto entre bandidos e policiais.

A associação entre o tráfico de drogas e as milícias, são discutidas de forma didática. A participação de políticos, como governadores e prefeitos, demonstra uma imbricada relação entre os poderes legalmente constituídos e os marginais. Diversos assassinatos e crimes são revelados no sentido de relacionar o funcionamento desses grupos paramilitares nas localidades onde estão inseridos.

O capítulo oito traz personagem bastante conhecido na mídia atualmente. Nomes como Olavo de Carvalho e a sua influência na família presidencial com a indicação de ministros e secretários é bastante evidenciada. Outro que surge no cenário é o Coronel do Exército, Brilhante Ustra, que teve participação direta, segundo o autor, em sessões de tortura no período militar, a participação de militares em atentados a bombas, e ainda, como o atual ocupante da cadeira da presidência da república, adotou o coronel como seu grande líder. Por fim, o capítulo mostra a pífia carreira do capitão Bolsonaro no Exército, fazendo menção a diversas entrevistas em temas polêmicos.



Diante do exposto, o livro é uma grande obra, que precisa ser lida, refletida e discutida em diversos ambientes. Os interessados nela, podem ser os professores, alunos e cidadãos brasileiros que buscam compreender como a falência do estado brasileiro, a falência da moral, da ética compromete o bom funcionamento da sociedade em geral. O autor de forma cuidadosa expõe como o problema da segurança pública no Rio de Janeiro é antigo, e que o desinteresse no combate à criminalidade beneficia um determinado grupo social. O livro a República das Milícias é um grande manual, didático, que trata de diversos assuntos, que vão desde a compra e venda de armas contrabandeadas de países vizinhos, até a formação das estruturas de poder na alta cúpula do poder. A obra é um excelente documento que servirá de provas para gerações futuras.

REFERÊNCIAS

MANSO, Bruno Paes. **A República das Milícias: Dos Esquadrões da Morte à Era Bolsonaro**. São Paulo: Editora Todavia, 2020, 304 p.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano IV | Volume 10 | Nº 30 | Boa Vista | 2022

<http://www.ioles.com.br/boca>

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima